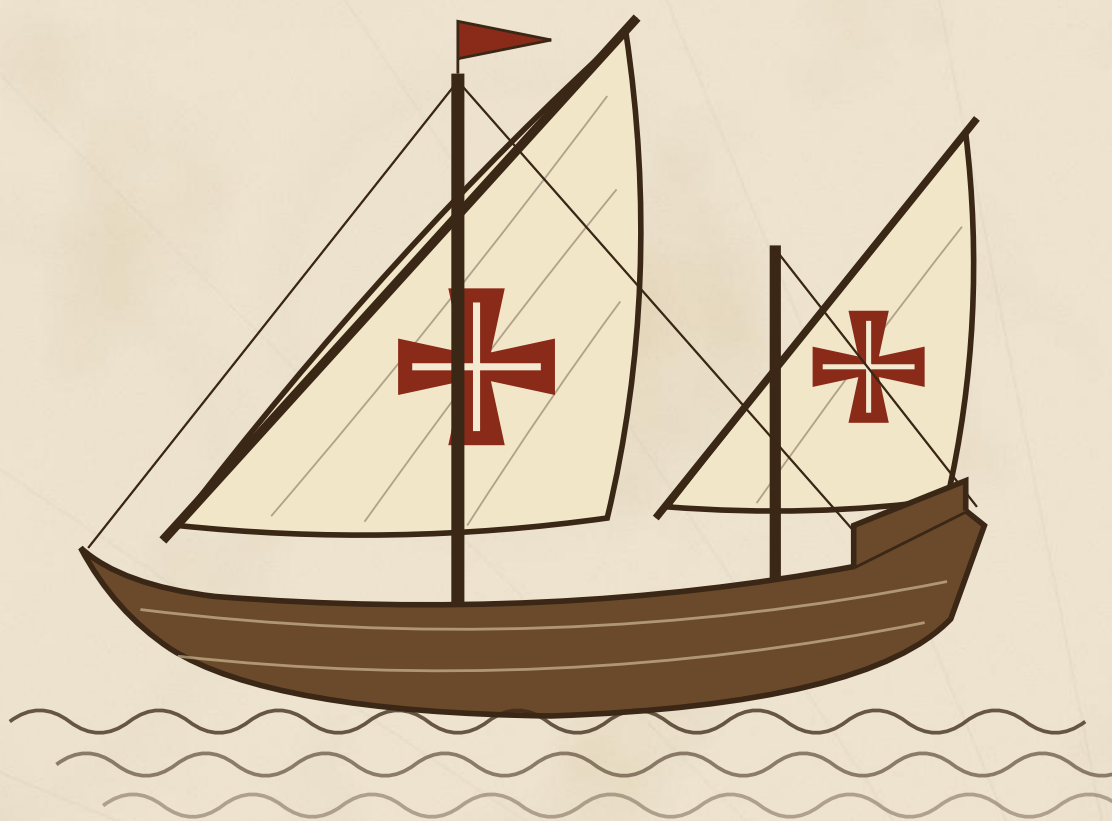


PRÉMIO «CONHECER CAMÕES»

Diário de Bordo

da caravela

VERA CRUZ



LISBOA · SESIMBRA · LISBOA

Aos três e quatro dias de outubro de 2026

Escrito por Vasco Peixinho e Paula Gomes,
com os relatos e as memórias de toda a tripulação da caravela Vera Cruz

Agrupamento de Escolas Júlio Dantas · Lagos

PRÓLOGO

Diário que se fez da viagem da caravela Vera Cruz, que partiu de Lisboa para a baía de Sesimbra e de lá tornou, aos três e quatro dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e seis.

Cumpridos quinhentos anos sobre o nascimento do Poeta, que terá nascido por volta de 1524, quis a Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões lançar um desafio aos alunos das escolas portuguesas: que lessem a sua obra e dela fizessem coisa nova, fosse podcast, banda desenhada, escultura ou escrita. Chamou-lhe Prémio «Conhecer Camões». Aos vencedores prometeu o mar, numa oficina de nome tirado do próprio Poeta: *Saberes de experiências feitos*.

E assim se juntaram, vindos do Porto, de Ponte de Lima, de Baião e de Lagos, os que haviam de embarcar. Uns traziam um podcast, outros uma banda desenhada, outros uma escultura e outros ainda um texto. Nenhum trazia experiência de mar. Isso, aprendê-lo-iam a bordo.

ROL DA GENTE QUE VAI NA DITA CARAVELA

- **Comandante:** Felipe Costa, a quem a tripulação chama Comandante Pi.
- **Imediato e chefe do primeiro quarto:** Pedro Pinto Correia, presidente da Aporvela.
- **Chefes de quarto:** Catarina Pimpão, bióloga, que nesta viagem chefiava um quarto pela primeira vez; e Rui Santos, professor e contador de histórias de serviço.
- **Marinheiros e tripulantes:** Frank Hugger, Raquel Varajão, Camila Pereira e José Rato, dito o Mia, de catorze anos e já com pés de marinheiro.
- **Cozinheiro:** Eugénio Ribeiro, o Chef Ribeirinho, homem acabado de operar e, ainda assim, o mais importante a bordo.
- **Pela Estrutura de Missão:** Doutor Joaquim Coelho Ramos e a professora Isabel Almeida.
- **Alunos premiados:** Leonor Fernandes, Miguel Coelho, Marta Vicente e Bernardo Valente, do Porto, autores do podcast «*Vai chatear o Camões*»; Diogo Pereira Pinheiro e Jéssica Isabel Lima Oliveira, de Ponte de Lima, autores de «*Casamento entre o Ocidente e o Oriente*»; Samuel Júnio Queiroz Coutinho Cardoso da Costa, de Baião, autor da escultura «*O último porto: onde a alma naufraga entre o amor e a dor...*»; e Vasco Jesus Peixinho, de

Lagos, pelo Agrupamento de Escolas Júlio Dantas, em representação da aluna premiada com «*A partida das naus – Quando o tempo aprende a dizer adeus*».

- **Professores acompanhantes:** Paula Gomes, de Lagos; Liliana Moreira, do Porto; Florbela Rocha, de Baião; e José Carlos Lima Fernandes, de Ponte de Lima.

Ao todo, vinte e três almas, e três quartos que se revezavam nas manobras e na vigia.

PRIMEIRO DIA — SÁBADO, 3 DE OUTUBRO

Vento fraco de leste. Mar calmo. Céu sereno, que se foi fechando pela tarde.

Pela manhã, no cais de Alcântara. Ainda as mochilas não estavam arrumadas e já levávamos a primeira emenda: a bordo, quem diz «corda» está enganado. Ali só há cabos. Cordas, garantiu-nos a tripulação, existem só três: a do sino, a do relógio e a que tira os preguiçosos do beliche, «acorda, marujo, e vai trabalhar!». Esta, ninguém a esqueceu até ao fim.

Seguiu-se o resto da cartilha. Esquerda e direita deixaram de existir: passou a haver bombordo e estibordo. E «boa proa» é o que se deseja a quem vai partir, como quem diz boa viagem. Ao fim de uma hora, já éramos nós a corrigir-nos uns aos outros.

Às nove horas e meia, antes de largar. Fizemos o que se fazia nas largadas de antigamente: despedimo-nos de terra com palavras graves. A convite do Doutor Joaquim Coelho Ramos, deleitámo-nos com os versos em que Vasco da Gama conta como as naus estavam prontas e a gente moça não tinha medo de nada:

*As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda a parte.*

Os Lusíadas, Canto IV, 84

E a Leonor, do Porto, e o Vasco, de Lagos, um do norte e outro do sul, declamaram os versos da largada propriamente dita:

DIÁRIO DE BORDO DA CARAVELA VERA CRUZ

*Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.*

Os Lusíadas, Canto V, 1

Foi ali perto, um pouco mais abaixo no rio, na praia do Restelo, em Belém, que as naus de Vasco da Gama largaram para a Índia a 8 de julho de 1497. O nosso vento, nessa manhã de sábado, parecia ter lido o poema: sereno e sossegado, tal e qual.

Tejo abaixo. Largámos a motor e fomos descendo o rio pelo mesmo caminho das naus. Logo à saída, passámos por baixo da Ponte 25 de Abril, com o Cristo Rei a ver-nos da outra margem. Em Belém, desfilaram diante de nós os monumentos da história que viemos celebrar: o Padrão dos Descobrimentos, onde, ao lado do Infante D. Henrique, de Vasco da Gama e de Bartolomeu Dias, também está Camões; mais atrás, o Mosteiro dos Jerónimos, onde estão os túmulos de Vasco da Gama e de Camões (embora não haja certeza de que os ossos ali depositados em 1880 sejam mesmo os do Poeta); e a Torre de Belém, que D. Manuel mandou erguer entre 1514 e 1519 para defender a entrada de Lisboa. À boca da barra, o farol do Bugio foi o último a despedir-se de nós antes do mar aberto.



Carta da viagem: Lisboa · Cabo Espichel · Sesimbra

Já em viagem. A bordo, cada um foi posto ao serviço. Não houve tarefa que não rodasse por todos: cabos e velas, leme, vigia, loiça, mesa e o mais que a caravela pedisse. De todas, a vigia era a que não perdoava distrações, e tinha até linguagem própria:

— *Leme, leme, aqui vigia. Escuto?*

— *Vigia, aqui leme. Diga.*

Barco, boia ou ponto de terra: tudo o que aparecesse pela proa tinha de ser comunicado ao leme. Em terra, ficar a olhar para o mar é descanso; a bordo, é um posto de serviço.

O comandante e o professor Rui Santos foram explicando como funciona a caravela, porque é que as suas velas latinas, triangulares, lhe permitiam navegar à bolina, muito mais chegada ao vento do que os navios de velas redondas, como se orientavam os navegadores sem motor nem GPS, quem foram Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, e quem foi Camões, poeta e soldado que também andou embarcado. O Rui, esse, ficou depressa conhecido pelas histórias que ia contando, umas verdadeiras e outras que pareciam.

Perto das duas da tarde. O almoço fez-se por turnos: a caravela não espera por quem come, e alguém tinha sempre de ficar no posto. Entre refeições, havia fruta à disposição de todos, e depressa se percebeu que uma peça de fruta e um copo de água, no mar, valem bem mais do que em terra. Tudo saído da cozinha do Chef Ribeirinho, que o comandante dizia ser o homem mais importante a bordo, por ser o único capaz de nos matar a fome.

Pela tarde, no Cabo Espichel. Calou-se o motor e a Vera Cruz passou a andar só com a força do vento. Toda a tripulação foi chamada às manobras, alunos, professores e marinheiros lado a lado, e os aprendizes ficaram nas carregadeiras, os cabos que recolhem e soltam o pano. Lá no alto da falésia, o farol e o santuário de Nossa Senhora do Cabo viam-nos passar.

Foi com caravelas como esta que Bartolomeu Dias dobrou, em 1488, o Cabo das Tormentas, a que D. João II terá dado o nome de Cabo da Boa Esperança, e que Camões transformou no gigante Adamastor, no Canto V. A nós não nos apareceu gigante nenhum. As nuvens foram-se juntando e a chuva pareceu certa, mas ficou-se pela ameaça. O mar, porém, cobrou a sua portagem: alguns de nós enjoaram e ficaram a saber de perto o que os marinheiros de Quinhentos sofriam durante meses.

Ao fim da tarde, na baía de Sesimbra. Antes de fundear, houve surpresa: quem teve coragem lançou-se da borda da caravela à água, junto à praia. Depois de um dia inteiro a olhar para o mar, soube mesmo bem entrar nele. Lançámos ferro ao largo, e para ir a terra vestimos coletes salva-vidas e seguimos num pequeno bote a motor, como faziam os marinheiros quando chegavam a um porto sem cais.

Em terra, trocámos os cabos e as velas por um programa nada náutico: um bar, uma Coca-Cola e uma partida de dardos. Houve quem jurasse que a pontaria ainda balançava com o mar. Os navegadores de Camões tiveram por prémio a Ilha dos Amores; a nós calhou-nos um bar em Sesimbra, e não nos queixámos.

Ao cair da noite, de volta a bordo. Regressámos de bote e dividimo-nos: uns para o duche, outros para a mesa. Duche de marinheiro, entenda-se, contado ao segundo, porque a água doce que vai a bordo é toda a que há. Em terra, nunca tínhamos pensado nisso.

Ao jantar, o Chef Ribeirinho serviu bifanas, que souberam a banquete. No fim, o comandante pediu a cada um que dissesse uma única palavra para resumir o que estava a sentir. A roda foi passando à volta da mesa: *aventura, espetacular, novidade...* e tantas outras que a memória não guardou, mas que naquele momento disseram tudo.

Pela noite, ao largo de Sesimbra. A chuva desistiu de vez e a noite ficou amena. Houve baralhos de cartas, conversa solta e, por fim, a razão de ali estarmos: cada grupo mostrou à tripulação o trabalho premiado. Um podcast, uma banda desenhada, uma escultura e um texto: quatro maneiras de ler o mesmo poeta. Camões, que passou a vida a procurar caminhos novos, havia de gostar.

Entre uma mão de cartas e outra, o Vasco revelou-se o contador oficial de anedotas da viagem. A mais célebre foi a da laranja:

— *O que é que é cor de laranja, sabe a laranja, cheira a laranja e se parece com um bacalhau?*

— *Uma laranja. O bacalhau era para despistar.*

O bacalhau, esse, ficou para a história da viagem.

Num navio, porém, ninguém se deita sem que alguém fique de guarda. Os quartos renderam-se de três em três horas, e até à alvorada houve sempre olhos abertos sobre o mar e sobre a caravela. Quem fez a vigia da madrugada guardou uma Sesimbra que poucos conhecem: calada, às escuras, com as luzes da costa a tremer na água. Foi nessas horas que muitos de nós deixaram de se sentir passageiros.

Diga-se, em abono da verdade, que nem todos os vigias resistiram até ao fim: houve quem, embalado pelo balanço, adormecesse em pleno quarto. Valeu-lhes estarmos no século XXI. Nas naus de Quinhentos, adormecer de vigia era falta das mais graves, e o castigo não se resolvia com uma gargalhada.

Os que não estavam de quarto foram adormecendo no convés, embrulhados nos sacos-cama, embalados pelo balanço e pelo ranger da madeira. Assim dormiam também os marinheiros de outros tempos, com o céu por teto. Eles durante meses; nós, uma noite.

Livro de ocorrências do primeiro dia. Adamastores avistados: nenhum. Chuva prometida: muita; chuva caída: nenhuma. Estômagos rendidos: alguns. Mergulhos: só os dos corajosos. Cordas a bordo: três, como sempre. Vigias adormecidos: matéria confidencial.

SEGUNDO DIA — DOMINGO, 4 DE OUTUBRO

Mar mais agitado, com ondulação de noroeste. Navegação a motor e, à entrada do Tejo, à vela.

As sete horas, ao largo de Sesimbra. Alvorada para quem não estava de quarto. Ao segundo dia já toda a gente se tratava pelo nome. Os voluntários da Vera Cruz tinham-nos explicado cada ordem duas e três vezes, sem nunca perder a calma. A Catarina fazia nesta viagem a sua estreia como chefe de quarto, e o Mia, com catorze anos, saltava entre cabos e velas com uma desenvoltura que nos deixava a todos com inveja.

Levantámos ferro e pusemos a proa a Lisboa. O mar acordou mais mexido do que na véspera, e o enjoo, que no sábado tinha feito as primeiras vítimas, voltou para a desforra. Até os mais valentes de estômago começaram a ficar com menos certezas.

Pela manhã, em viagem. Ficámos a conhecer o canal 16, a frequência de rádio que todos os barcos escutam e por onde passam as chamadas, os avisos e os pedidos de socorro. A dada altura, o rádio trouxe notícia de uma embarcação que se tinha cruzado com orcas. O comandante contou-nos que estes encontros se tornaram frequentes na costa ibérica e que, para quem vive do mar, podem acabar mal. Os navegadores de outros tempos tinham o Adamastor; os de hoje têm orcas, e rádio para avisar.

Ao meio-dia. Almoço a bordo: feijão-verde, grão, ovo, atum e batata. Com a caravela a balançar, cada garfada pedia pontaria, e o prato só ficava no sítio com uma mão de reserva.

Pela tarde, à entrada do Tejo. O melhor ficou guardado para o fim. Desligou-se o motor e a Vera Cruz entrou na barra à bolina, de proa apontada o mais perto possível do vento. Todos a postos: velas a subir, a afinar, a virar. Quem nos visse de terra havia de achar fácil; a bordo, cada

cabo parecia pesar como uma âncora. O comandante dava as ordens e cada posto respondia, à vez e sem atrasos. Houve quem calçasse luvas e quem puxasse de mãos nuas e ficasse com as palmas a arder. E as palavras esquisitas do primeiro dia já se usavam sem pensar. Ali percebia-se bem que uma caravela só anda quando todos puxam para o mesmo lado.

Para o leme, ouvia-se o comandante repetir: «Estás a orçar... estás a orçar!» Orçar é chegar a proa à direção de onde vem o vento. À bolina é isso que se procura, mas só até certo ponto: um pouco a mais, e as velas perdem o vento, batem e a caravela abranda. Entre o vento e a vela, tudo é questão de medida, e o comandante não deixava escapar um grau.

Rio acima, desfilou Belém, de onde partiram as naus há meio milénio. Das margens acenavam-nos, e os barcos de recreio, vistos do alto do convés, pareciam de brincar. Quem conhece Lisboa só de terra não a conhece por inteiro. Perto de Alcântara veio a última faina: arriar e recolher o pano, sem pressas e pela ordem certa, até cada cabo ficar no seu lugar. Quem nos tivesse visto embarcar na véspera, a confundir cordas com cabos e bombordo com estibordo, já não nos reconhecia.

Às quatro horas da tarde, no cais de Alcântara. Encostámos ao cais devagarinho: cabos a terra, caravela amarrada e segura. Tínhamos navegado 60,24 milhas, cerca de 112 quilómetros de mar. Antes de desembarcar, o comandante entregou a cada um o seu diploma, com discurso, agradecimentos e, claro, mais uma história.

E a última coube, como não podia deixar de ser, ao Rui Santos, que guardou para o fim a lição mais inesperada da viagem: como faziam os marinheiros de Quinhentos as suas necessidades a bordo. Casa de banho não havia. Os marinheiros aliviavam-se debruçados sobre o mar, à proa, e numa embarcação pequena servia o balde, que depois se despejava borda fora. E para a higiene, contou o Rui, havia o «pincel», uma ponta de cabo desfiada, presa a outro cabo, que ficava a mergulhar no mar e se puxava para cima quando alguém precisava. De uso comum para toda a tripulação. Daí a expressão com que o Rui se despediu de nós: «agarra-te ao pincel!». As caras dos alunos ao perceberem a história ficam aqui registadas para a posteridade, e nenhum de nós voltará a queixar-se das casas de banho da escola.

Livro de ocorrências do segundo dia. Orcas: ouvidas no rádio, nenhuma à vista. Estômagos rendidos: mais alguns. Vezes que se ouviu «estás a orçar!»: incontáveis. Milhas navegadas: 60,24. Diplomas entregues: todos. Pincéis utilizados: nenhum, felizmente.

DIÁRIO DE BORDO DA CARAVELA VERA CRUZ

Estância da nossa viagem, à maneira do Canto I d'Os Lusíadas

*As velas e os alunos premiados,
Que da doca de Alcântara, ufana,
Por mares já mil vezes navegados,
Passaram, sem chegar à Taprobana,
Entre enjoos e cabos esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E, de diploma em punho, regressaram:
Da lição do pincel não se olvidaram!*

*Aqui se acaba o diário da viagem da caravela Vera Cruz, de Lisboa a Sesimbra e de
Sesimbra a Lisboa, em que fomos, durante dois dias, gente do mar.*



DE REGRESSO A TERRA

*Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?*

Os Lusíadas, Canto I, 106

«Esta viagem, tão curta, fez-me olhar com outros olhos, e com o coração, para a fragilidade da vida humana e para os laços que criamos uns com os outros. Fez-me repensar o significado das relações e do trabalho em equipa, e perceber que, mesmo num curto espaço de tempo, podemos guardar memórias que ficam connosco para a vida inteira.

Fez-me perceber que cada um tem a sua história, a sua vivência, a sua família, os seus amigos e os seus sentimentos, mas que, mesmo assim, todos continuamos a ser sensíveis, continuamos a ser frágeis, continuamos a ser humanos. Em alguns momentos de reflexão, no meio de

DIÁRIO DE BORDO DA CARAVELA VERA CRUZ

paisagens inigualáveis, percebi que todos tivemos um princípio e teremos um fim. Talvez tenha sido esta viagem a fazer-me pensar nisso de outra forma. E, até esse fim, quero ser uma pessoa bondosa, educada, mas, sobretudo, quero ser eu.

Num mundo que atravessa tempos de miséria e de dificuldade, são momentos como estes que conseguem mudar a forma de pensar de algumas pessoas e trazer a esperança de que tanto se fala. Agradeço a todos os que tornaram esta viagem possível.»

Diogo Pereira Pinheiro, EB 2,3/S de Arcozelo, Ponte de Lima

ENTÃO E AGORA

Q uinhentos anos separam os marinheiros de Vasco da Gama da tripulação da Vera Cruz. Nem tudo mudou.

	Numa caravela de Quinhentos	Na Vera Cruz, em 2026
Ementa	Biscoito duro, carne e peixe salgados, vinho e água que se estragava nos barris	Bifanas do Chef Ribeirinho, fruta e sumos
Duração da viagem	Meses, às vezes anos	Dois dias
Cama	O convés	O convés (nisto não mudou nada)
Higiene	A borda do navio, o balde e, conta o Rui, o pincel	O balde e o pincel, só na explicação do Rui, felizmente
Comunicações	Bandeiras e sinais entre os navios da armada; com terra, nenhuma até ao regresso	Canal 16
Perigos	Tormentas, Adamastores e escorbuto	Orcas no rádio e enjoo
Água doce	Racionada	Racionada (o duche que o diga)

AS FRASES DA VIAGEM

«Acorda, marujo, e vai trabalhar!»

«Boa proa!»

«Leme, leme, aqui vigia.»

«Estás a orçar... estás a orçar!»

«O bacalhau era para despistar.»

«Agarra-te ao pincel!»

PEQUENO VOCABULÁRIO DE BORDO

- **Arriar:** baixar uma vela.
- **Atracar:** encostar o navio ao cais e prendê-lo com cabos.
- **Boa proa!:** o mesmo que boa viagem.
- **Bolina:** navegar com a proa o mais perto possível da direção de onde sopra o vento.
- **Bombordo:** o lado esquerdo do navio, para quem olha para a proa.
- **Cabo:** aquilo a que em terra se chama corda. A bordo, cordas há só três: a do sino, a do relógio e o «acorda, marujo!».
- **Canal 16:** a frequência de rádio que todos os barcos escutam, para chamadas, avisos e pedidos de socorro.
- **Carregadeiras:** cabos que servem para recolher o pano das velas.
- **Estibordo:** o lado direito do navio, para quem olha para a proa.
- **Fundear:** lançar ferro e ficar parado fora do porto.
- **Içar:** subir uma vela.
- **Milha náutica:** 1852 metros. As nossas 60,24 milhas foram cerca de 112 quilómetros.
- **Orçar:** chegar a proa mais para o lado de onde vem o vento.
- **Pincel:** ponta de cabo desfiada que, nas caravelas de antigamente, fazia as vezes de papel higiénico. De uso comum.
- **Proa e popa:** a frente e a traseira do navio.

DIÁRIO DE BORDO DA CARAVELA VERA CRUZ

- **Quarto:** cada um dos turnos de serviço a bordo, e também o grupo de tripulantes que o cumpre.
- **Vela latina:** a vela triangular das caravelas, que lhes permitia navegar à bolina, muito mais perto da direção do vento do que as velas redondas.

AGRADECIMENTOS

A Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário do Nascimento de Luís de Camões, que lançou o desafio e nos deu o mar por prémio, e ao Doutor Joaquim Coelho Ramos e à professora Isabel Almeida, que nos acompanharam a bordo.

À Aporvela e a toda a tripulação da caravela Vera Cruz, pela paciência com que fizeram de nós marinheiros durante dois dias, e ao Chef Ribeirinho, que nunca nos deixou passar fome.

Aos professores que acompanharam os alunos e às escolas que os deixaram partir.

E a Camões, por nos ter dado o pretexto.

Lagos, 6 de outubro de 2026